



Raul Cortez e Tomil Gonçalves em "Rasga Coração", de Oduvaldo Vianna.

Teatro fecha cortina com muitas dúvidas

JEFFERSON DEL RIOS

Aproveito o balanço de fim de ano para me conceder um artigo na primeira pessoa do singular. É mais fácil embora nem sempre simpático.

Nos últimos meses, a insatisfação que predomina em largos setores da vida cultural brasileira (para não dizer em tudo o mais) propiciou uma polémica sobre o falso problema do confronto: artistas versus crítica. O debate, sempre em nível menor, rapidamente se tornou discussão de direita. O teatro, felizmente, não se envolveu a fundo no pseudo conflito. Estamos todos bem, descontentados as alterações, alterações, interações, etc. de praxe. Pessoalmente, considero-me um profissional em paz com os profissionais de palco.

Pediram-me um levantamento avaliativo do que aconteceu este ano nos teatros da cidade. Não sei executar a tarefa com isenção e nem tenho condições de comentar tudo o que se fez. Mas dentro do empenho em penetrar no coração do teatro, deixo algumas observações ou destaques.

A primeira: o melhor espetáculo de 1980 foi "Divinas Palavras", desafiante obra-prima de Valle Inclán que fez vacilar — durante anos — diretores de renome e que o jovem encenador Jacov Hiller criou com os alunos da Escola de Arte Dramática de São Paulo. Havia magia, calor humano, um belo e intenso jogo cênico. Por que foram estudantes e não profissionais que conseguiram este resultado é — realmente — tema para boa conversa.

Grandes momentos cênicos de 1980: "Patética"; "Geni"; "El Dia de Me Queiras" — evidentemente, "Rasga Coração" (o último ainda em cartaz). Teimosamente, incluo "Calabar", projeto generoso que não vingou. Dois trabalhos citados não tiveram o êxito que se esperava: "Patética", talvez por certa frieza intrínseca que acaba afetando o conjunto. Talvez; e "Geni", talvez apesar da beleza visual incontestável, por seu hermetismo elitista.

Experiência marcante: o teatro no prisão e pelos próprios presidiários: "Favor Não Jogar Amendoins" (com mulheres detentas); e "Aqui Há Ordem e Progresso" (somente homens da Penitenciária).



O grupo de "O Belou Que Caiu no Mar" valorizou o visual de montagem

Fantasia e realidade nas peças infantis

TATIANA BELINKY

1980 foi um ano bom para o teatro infantil paulistano. Isto é, bom no que se refere ao índice de qualidade na (grande) quantidade de espetáculos apresentados. Porque, para os abnegados que fazem teatro infantil a sério em São Paulo, 1980 foi mais um ano de lutas e sacrifícios, de problemas de espaço de todo tipo, de espera pelas subvenções e até pelo público, de aceitação pelos diretores e professores de escola (que deveriam saber melhor); enfim, mais um ano de tenacidade na sobrevivência dentro das condições ainda precárias em que esta atividade (tão importante para a educação estética e ética, e para o desenvolvimento intelectual e emocional da criança) é obrigada a defender a sua existência entre nós.

Ah, se fosse possível levar as crianças em massa ao bom teatro, ligar — como deve ser — teatro e escola, levar a escola ao teatro e o teatro à escola!

Mas não dá para discutir isso aqui, agora. Aqui e agora, vou, como de praxe nessa época do ano, fazer a minha listinha (que não é tão "inha" assim) dos melhores do ano. Os espetáculos infantis juvenis que, por suas qualidades técnicas, temáticas, artísticas e lúdicas, preencheram os dois requisitos básicos e inseparáveis, as duas condições sine qua non do bom teatro para crianças: agradar ao seu público e também ao adulto que leva a criança ao teatro, ao responsável, o "educador" que todos nós somos, queiramos ou não.

Entre as mais de seis dezenas de montagens apresentadas (só nos teatros públicos, sem falar nos outros tantos espetáculos e espetáculos "fantasmas", em mil e um espaços alternativos, que nem sequer chegam à imprensa), houve alguns de qualidade realmente excepcional: "De Como o Dia Virou Noite e a Noite Virou Dia e Noite" (história original, magia e fantasia); "Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto" (histórias do folclore brasileiro, humor popular); "Forrobodó" (circo-teatro, fantasia e realismo

à brasileira); "Histórias de Lenços e Ventos" (poesia magia, beleza exuberante); "O Bêlo que Caiu no Mar" (texto poético, fantasia, beleza visual); "O Tesouro da Nau Catarina" (tema clássico, aventura, alegria); "A Gema do Ovo da Ema" (humor e crítica em temática brasileira). E mais os muito bons "Teatrandu" (jogo dramático com participação do público); "Judas em Sábado de Aleluia" (um clássico brasileiro em execução impecável); "O Decreto do Rei" (musical do ano de Os Corujinhos); "Cegonha Boa de Bico" ("educação sexual" lúdica para os pequenos); "Os Saltimbanco" (nova montagem do conhecido musical); "Histórias de Palhaços e de Gentes" (competente e bem-feita adaptação à brasileira de duas farsas medievais); "Andando e Voando com Alguém e Ninguém" (um bem-feito Ilo Krugli "menor"); "Superflor" (fantasia ecológica sobre a liberdade). E ainda os bons "Torresmo o Super-Banana" (circense com o querido palhaço Torresmo); "Chuva e Guarda-Chuva" (simpático "Nossa Cidade" à brasileira); "O Gtante" (alegoria infantil sobre o abuso do poder); "O Mistério das Flores" (fantasia ecológico-policial); "Trapaças de Satanás" ("nordestino" com gente-bonecos); "A Farsa de Yarimno Céu da Mandacaru" (boa estória "nordestina"); "O Palhaço Pimão e o Galo Babão" (o já tradicional "circense" de Waldemar Sillas); "Nico Picadeiro, um Brasileiro" (palomina). E ainda diversas remonções entre as quais "Praça de Retalhos"; "Morte e Vida Severina" (paralovens); "No Mundo Encantado da Música"; "O Fantástico Mundo da Imaginação"; "O Aniversário do Palhaço".

Como se vê, a porcentagem de ótimo e bom é bem alta, e a variedade de temas e assuntos é grande (apesar da alta incidência de palhaços, circos e nordestinos). Não é teatro que falta ao público; o público que falta ao teatro. Mas isto é outra história.

Literatura começa com sinal vermelho

MOACIR AMANCIO

Atenção todos os que se dizem, que se acreditam e que são mesmo esse bicho estranho da terra, às vezes meio abnegado, às vezes muito cínico, o multas vezes da maior ingenuidade, o escritor brasileiro. Sinal vermelho piscando na esquina. Livrarias fecham, editoras tremem nas bases. Pensava-se que a onda de novos e velhos autores publicados durante os últimos anos seria bem forte pra não enganar e que passaríamos, agora em diante, a ter a literatura brasileira tratada com mais seriedade e frequência pelas editoras. Difícil enumerar a quantidade de contistas, romancistas, poetas e editoras que passaram a existir na praça de algum modo. As pessoas chegavam a sentir medo quando eram apresentadas para alguém — lá vinha mais um beletista patriótico.

Tudo isso não é ruim. Se por um lado há pura festividade e manifestações superficiais, de outro temos evidência de força vital inquietada, e necessidade de perguntar e de se exprimir — bem ou mal — artisticamente. Da montanha de coisas publicadas, salta-se uma parte. Isto é o que interessa.

O negócio começou há cinco, seis anos. Fatos conhecidos. Dezenas de autores que haviam parado de publicar recomparam. Outros saídos do ovo passaram a ser conhecidos. As editoras investindo, nascendo. Começou a se falar em abertura — os textos de ficção ou pseudoficção pegaram a dianteira — serviam como distração para tapar a censura. Depois vieram as publicações fragmentadas, políticas tomando a frente e a ficção começou a ser mais deixada de lado e cada vez mais. Podia-se pensar que chegava a hora da triagem, com o esvaziamento das gavetas e a menor produção. Os bons deveriam permanecer de alguma forma.

Seria uma espécie de volta à "normalidade", ou melhor, uma entrada na "normalidade", com publicações sistematizadas, sem labirintos. Um sonho alimentado não só pelos escritores de ficção e poetas. Qualquer sujeito que produza cultura nesta terra sonha com isso. Sonha com o que parece simplesmente existir. Mas parece que ainda não foi desta vez. Com a crise e as perspectivas que todos conhecem, nada mais óbvio do que concluir que os investimentos também se reduzirão no setor editorial.

Seria bobagem pura acreditar que os editores que se aguentarem não preferir ariscar, deixando o investimento certo (o "autor consagrado" e o "best-seller") de lado.

O ano que acaba deve ter sido o último suspiro da fase. Saiu ainda uma quantidade razoável de romances e contos. Lembre-se "Sangue de Coca-Cola", de Roberto Drummond; "De Jogos e Festas", de José J. Veiga; "O Renascer Paus", de Ewelson Soares Pinto; "A Greve da Rosa", de Renato Pompeu; "No País do 1.º de Abril", de Paulo Rangel; "No Ventre da Baleia", de Esdras do Nascimento; "Endiabrados", de Dionísio Machado; "Camilo Mortágua", de José Guimarães; "Malditos Paulistas", de Marcos Rey; "O Calor das Coisas", de Nélida Piñón; "A Dança das Auras", de Aécio Flávio Consolim; "O Jardim dos Centauros", de Moacir Seliar; "Os Inventores Estão Vivos", de Ricardo Ramos; "Mad Maria", de Márcio Souza.

Isto na ficção. (Omissões são omissões.) Em poesia tivemos um certo alvoroço. Publicações "marginais" aprontando seu rebolico próprio. Editoras "nancicas" como a Pindaba em São Paulo desovaram bastante, com novos livros de Touché, Aristides Narkke, Reza Poletti e outros até então inéditos. Ainda em São Paulo a Massao Ohno serviu boa fornada de poesia, publicando Olga Savio, Celso Japiani, Hilda Nilst, Renata Pallottini. No Rio, duas grandes editoras, a Civilização Brasileira e a Nova Fronteira (esta a que mais avançou na praça em 1981, tendo realizado um trabalho pelo menos eficiente), de forma surpreendente, lançaram vários poetas. A Civilização, por exemplo, publicou "Que País É Este?", de Afonso Romano de Sant'Ana, e as obras completas de Ferreira Gullar, entre vários. A Nova Fronteira atacou firme, ariscando em nomes ainda não "consagrados". Certo, editou um Carlos Nejar ("Um País sem o Tempo"), por isso deixou de publicar "Escavações" de Neide Arcanjo, menos conhecida. Ainda poesia, obrigatória a citação da L e P.M. de Porto Alegre, responsável por "Tempo", de Mário Quintana e "No Meio da Rua", de Nei Dúclós. Agora as dúzias inumeráveis de poetas, quase todos jovens, de todo capão.

Pois bem, o ano acabou. E sob determinado ponto de vista, a passagem do ano não fica na abstração. Há medidas políticas e econômicas esperando atrás da esquina, a inflação vai à toda, as empresas se preparam. Entre as empresas estão as editoras e livrarias. Vale lembrar que a literatura não depende só dos autores. Para que eles existam efetivamente, que cheguem ao público, há a necessidade de vários fatores que se juntam. Dependem da realidade inteira. Cultura, ou que nome tenha, também precisa de comida.



Dionísio publicou "Endiabrados".



Neide, autora de "Escavações".

Nas artes plásticas, pouca renovação

IVO ZANINI

O segundo semestre repetiu o primeiro: tivemos em 1980 pouco a renovação em matéria de renovação nas Artes Plásticas. Nem os mais conhecidos nem os da ala do xerox e do vídeo conseguiram mudar esse panorama.

O que houve de melhor foram algumas retrospectivas. Como a de Leon Ferrari (esculturas, pinturas, desenhos, pontos de alumínio), no MAM; a de pinturas construtivistas de Flaminghi e Sacilotto (no mesmo museu), que harmonizaram e explodiram suas obras geométricas; a de Alexandre Wollner, um mestre do "design", no Masp, e do saudoso Takakoa, igualmente neste último museu.

Algumas individuais de interesse ficaram por conta de Niobe Xandó, Flávio Sábido, Manoel Sendin, Glaucio Pinto de Moraes, Odete Guersoni, Anatol Wladislaw, Moriconi, Helga Miethke, Maurício Nogueira Lima, João Suzuki, Ermelindo Nardin e Jorge Bussab. No final do ano ganharam realce as montagens de Lamelli na Grifo, Siron Franco no Masp, Grudinsky na Documenta, Carlos Colombini na Portal, Nicolas Vlavianos na Skulptura, Jayme Vesquelinha no Sesc, Wesley Duke Lee na Luisa Strina, Italo Cencini na Rastru, Carlos Prado no Studio Duarte de Aguiar e as esculturas de mármore de Sérgio de Camargo no Masp.

Pelo menos duas boas surpresas entre os novos: Lígia de Franceschi e o nissei Fernando Fujiwara. A primeira mostrou pinturas na Paulo Prado e o outro, desenhos na Galeria Cultura. Ambos, figurativos, em linguagem próxima do clássico e, paradoxalmente, ligados à atmosfera metafísica. Revelações.

Mas durante o ano houve diversas performances de interesse, principalmente dos valores que desmontam. A Cooperativa dos Artistas foi prodígia nesse aspecto. A Pinacoteca do Estado também movimentou a área com os desempenhos de Becheroni e Gretha, além de outros.

Em termos de exposições que alcançaram projeção extra — incluindo-se a qualidade — figuraram as de Zaragoza e de Petit, assim como a de peças com gás neon do italiano Giuliani, na Arte Aplicada; a que reuniu 40 auto-retratos de artistas vivos e falecidos, na Seleção Arte; as 65 minúsculas telas análogas de Volpi em A Ponte; as pequenas esculturas em bronze de Capicori.

Resurgiu o Salão Paulista de Arte Contemporânea sob outro rótulo (Artes Plásticas e Visuais), com Aguiar merecendo o prêmio de viagem. Tam-

bém se concretizou um novo Panorama do Desenho e da Gravura, no MAM, com as presenças habituais: Charroux completou 40 anos de arte mostrando duas cent., digo, dezenas de obras; ele, um artista de grande atuação no geométrismo; Walter Lewy atingiu 50 anos de pintura e reapareceu após longo tempo com seu surrealismo em A Ponte. Alguma controvérsia estele por conta da mostra "Os 10 Melhores da Década", com artistas indicados por críticos de várias partes do País; o nome ausente mais sentido foi, em São Paulo, de Ianelli.

Na área de livros o setor evoluiu a olhos vistos. Tivemos o de Pancetti, com texto de José Teixeira Leite; de Zaragoza e Augusto Rodrigues, por Jacob Klinger; Thonaz, por Carlos de Oliveira; Tavares de Araújo; Sophia Tassinari e A. Cerâmica no Brasil, de P.M. Baró; Bruno Giorgi, de Antonio Houaiss; Portinari, de Antonio Bento; Alberto Valenzi, de Cláudio do Prado Valladares, entre outros.

Os Museus estiveram ativos, surgiram alguns novos espaços de exposição: Gabinete de Arte, Kate, Rastin, Grossman, Suzana Sassoun, Renato Castil e Jacques Ardies, e ainda a boa Pinacoteca de São Bernardo do Campo.

Penápolis foi atração ao concretizar seu quarto salão de arte, talvez não tanto por isso, mas por levar obras e artistas-expositores via aérea, frete especial, com um objetivo maior: a confraternização da classe, numa iniciativa inédita e até conovente.

A Bienal não podia deixar de merecer duas linhas. Luiz Vilarres convocou críticos e teóricos da América Latina para um encontro e, ao final de três dias de faloatório, votou-se pela definitiva (será?) extinção da Bienal Latino-Americana.

O ano que finda marcou, ainda, a separação definitiva, do nosso convívio material, de dois pintores de expressiva produção: Rebole e John Graz.

No âmbito internacional, Marino Marini morreu aos 79 anos, ele que se projetou na escultura com suas figuras alongadas, principalmente de cavalos. Poucos evocaram uma data significativa, quando do transcurso, em Julho, do 90.º aniversário da morte do granit e incompreendido Vincent Van Gogh. E Salvador Dalí, perto dos 80 anos, provou que ainda está em forma para eventos sensacionalistas: foi capa de muitas revistas em todo o mundo ao dar vazão à sua hipótese (?) paranoíca, dizendo-se "terrivelmente enfermo". E reapareceu em grande forma. Dalí, Dalí!



Pintura de Lígia de Franceschi.



Construção de Flaminghi.



"Gaijin", o melhor do cinema nacional

ORLANDO L. FASSONI

Coincidência ou não, o fato é que, se o japonês "O Império dos Sentidos", de Nagisa Oshima, foi o melhor filme estrangeiro de 1980, o melhor nacional também é de uma japonesa: "Gaijin", de Tizuka Yamazaki, que conseguiu superar os méritos de obras também marcantes, como "Bye, Bye Brasil", de Cacá Diegues, o documentário "Os Anos JK", de Sílvio Tendler, e, entre outros, o "Pixote", de Hector Babenco.

Nestas quatro obras resume-se o que houve de mais forte no cinema brasileiro em 1980, um ano em que emergiram-se os problemas de mercado, com os exibidores ganhando temporariamente a lei de obrigatoriedade, com a Embráfilm apoiando produções de mitos do cinema nacional, como Glauber Rocha com seu desastroso monumento "A Idade da Terra", e não dando apoio a produções independentes como "Paula", de Francisco Ramalho Jr. Um ano, também, em que os artistas se uniram e foram ao presidente Figueiredo para denunciar as manobras das multinacionais contra a produção nacional.

E, enquanto, aqui, o veterano Alberto Cavalcanti se despedia dos amigos, deixando o País definitivamente por que, como disse, não teve apoio para poder concretizar um velho projeto, "Antonio José, o Judeu", pairava sobre as cabeças dos realizadores e produtores também a ameaça da Caxex, que proibiu por tempo indeterminado a importação de equipamentos, entre os quais os de cinema. As dificuldades, porém, não impediram a progressão da pornocheada. "A Idade da Terra", segundo o ex-ministro Eduardo Portela, e o gênero teve, a seu favor, um fato: a abertura.

Entre os bons filmes nacionais, "Bye, Bye Brasil" vem, ainda, obtendo êxito no mercado norte-americano, além daquele que assegurou no mercado interno o seu realizador, Cacá Diegues, ao construir a trajetória de um punhado de personagens deserdados. Com "Pixote", Hector Babenco deu sequência à exploração de temas relaciona-

dos à violência do cotidiano, exposta anteriormente em "Lúcio Flávio" e, agora, no problema do menor, submetido a um constante processo de marginalização.

Roberto Santos, com "Os Amantes da Chuva", não teve o público que esperava para seu drama, trágico e romântico. E a mesma falta de sorte tiveram outros realizadores, como David Neves com "Muito Prazer", José Medeiros com "Parceiros da Aventura", Antonio Calmon com "Revólver de Brinquedo", Ipojuca com "A Vida do Filho Pródigo", e, agora no final do ano, duas obras do pólo paulista de cinema: "Paula", de Francisco Ramalho, que foi buscar seu tema na época negra da repressão política, e "O Homem Que Virou Suco", de João Batista de Andrade, filme bem humorado, tragicômico, reflexo em torno do massacre dos indivíduos e de suas liberdades individuais por um sistema que transforma tudo em bagaço.

Outros realizadores preferiram optar pelo erotismo, evidentemente sempre rentável. Assim, até mesmo Valter Hugo Khouri, que sempre tratou o sexo com sensibilidade, caiu no esquema popular no seu "Convite ao Prazer", sem contar Neville D'Almeida ao transportar "Os Sete Galinhos", de Nelson Rodrigues, Antonio Calmon com "Terror e Extase" e John Herbert com "Ariella", este mais feliz do que todos em os demais termos de bilheteria.

E, à parte os problemas, as relações de novos exatistas, o fracasso retumbante de "A Idade da Terra" é fato que 1980 foi um ano em que um gênero conseguiu superar suas dificuldades com o grande público: o documentário. "Os Anos JK", de Sílvio Tendler, abriu o caminho desse resgate do passado em que se envolveram, também, tanto Sílvio Back, com "Revolução de 39", como Maurício Beru, com "Certas Palavras" com Chico Buarque. Os três, entre os quais o de Tendler foi o de maior público, com quase 20 semanas em exibição, comprovaram o interesse do espectador por acontecimentos que marcaram a vida política, social e econômica do País, fortalecendo um gênero com o qual, aqui, o público pouco se identifica.



"O Império dos Sentidos", o melhor filme estrangeiro de 80

A abertura trouxe bons filmes de fora

LUCIANO RAMOS

O ano que termina trouxe uma reavaliação extremamente positiva no mercado de exibição cinematográfica. A derrubada parcial das barreiras, há muito erguidas pela censura provocou o renascimento das filas às portas dos cinemas — fenômeno que tendia a desaparecer por completo. A liberação de filmes eróticos famosos internacionalmente, como "Emmanuelle" fez com que ocorresse fato inédito: o maior sucesso de bilheteria foi também o filme mais plagiado pela crítica. Trata-se de "O Império dos Sentidos", de Nagisa Oshima, um profundo estudo sobre a paixão humana e, ao mesmo tempo, uma metáfora da política japonesa anterior à Segunda Guerra.

Outra vertente aberta ao público foi a de filmes políticos proibidos anteriormente ou que nem chegaram a ser submetidos à Censura. Entre os espetáculos tirados da gaveta, encontramos alguns dos melhores apresentados neste ano. Esse é o caso de "Z", magnífico trabalho de Costa-Gavras sobre a suco Bo Widerberg, tendo como tema a biografia do líder sindical Joe Hill, e de "Cadáveres Ilustres" terrível retrato do sistema jurídico italiano traçado por Francesco Rosi. Neste mesmo grupo se inclui "Allonsanfan", dos irmãos Taviani, uma intrigante experiência de linguagem e de reflexão política sobre os anos 60, tomando como referência a primeira metade do século 19. Com essa mesma preocupação, aparece também o fantástico trabalho de Michelangelo Antonioni que representa talvez o mais lúcido retrato da juventude ocidental que viveu naquela década, em "Zabrieskie Point".

Público e crítica prestaram muita atenção em "La Luna", de Bernardo Bertolucci, graças à promoção de "O Último Tango em Paris". Quase ninguém, entretanto, foi assistir ao

melhor trabalho do mesmo diretor: "A Estratégia da Aranha", filme brilhante de produção simples, que dedicava-se a discutir aspectos profundos de análise histórica. Os exibidores desistiram também filmes retirados de exibição, como "Sacco e Vanzetti", "Mimi o Metalúrgico" e "A Classe Operária Vai ao Paraíso". Mas ainda não conseguiram estabelecer critérios nas possibilidades comerciais de cada filme. Caso extremo foi a estreia do apavorante "O Iluminado", de Stanley Kubrick, em pleno dia de Natal.

A vanguarda do cinema alemão com pareceu com três grandes espetáculos. Graças a problemas de lançamento, "O Casamento de Maria Braun" de Rainer Fassbinder teve até mais sucesso que "O Tambor", de Volker Schlöndorff. O melhor espetáculo, entretanto, veio assinado por Wim Wenders. "O Amigo Americano" representa uma oportunidade de revisar as muitas influências estilísticas que aproximam os cinemas da Alemanha e dos Estados Unidos.

O ano trouxe outras preciosidades, como o épico cubano "O Tico Tico", um filme novo e um antigo do mestre Luis Buñuel ("Os Esquecidos" e "Esse Obscuro Objeto do Desejo"), "Decameron", de Pier Paolo Pasolini, um trabalho inédito de Luciano Visconti ("Bellissima"), a reafirmação de "Invasores de Corpos" e "Lenny", um Bob Fosse da primeira fase. Este ano também marcou a renovação no filme musical, com "O Show Deve Continuar", de Fosse, e o surpreendente "Fama", de Alan Parker.

Espera-se que as alterações em nosso mercado sejam acompanhadas em 1981, por uma política mais lucida de exibição de filmes estrangeiros. Não há mais sentido em importar fitas de má qualidade, porque o público demonstra cada vez maior maturidade na escolha dos filmes que consagra, como aconteceu na Mostra Internacional do Masp.